

Presidente do IBGE lança livro com presença de José Dirceu

Marcio Pochmann analisa mudanças sociais, digitalização e o novo sujeito coletivo

Por Moara Semeghini

O economista e presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Marcio Pochmann, lançou no sábado (21), na Livraria Candeeiro, no Cambuí, em Campinas, o livro “Novo Sujeito Coletivo: a governança de populações em três tempos do capitalismo no Brasil”. O evento reuniu convidados e contou com a presença do ex-ministro da Casa Civil do primeiro mandato do presidente Lula, José Dirceu, que passou pelo local para cumprimentar o autor. À reportagem, Dirceu afirmou ser pré-candidato a deputado federal pelo PT (leia mais na matéria abaixo).

A obra de Pochmann propõe uma análise das transformações sociais no país diante da digitalização da economia e da precarização do trabalho, com a emergência de um novo perfil de organização coletiva. Segundo Pochmann, o chamado “novo

sujeito coletivo” é uma categoria analítica que busca compreender a reconfiguração das formas de ação social no capitalismo contemporâneo, especialmente na transição da sociedade industrial para a era digital. “Ele não é mais o sujeito clássico da modernidade, como a classe operária industrial organizada, mas um conjunto heterogêneo de grupos sociais”, afirma.

De acordo com o economista, esse novo perfil é marcado pela precarização do trabalho, fragmentação ocupacional e pela mediação digital das relações sociais, o que configura uma nova morfologia social do século XXI. A motivação para o livro, explica, está ligada às transformações estruturais vividas pelo país nas últimas décadas. Após mais de 30 anos de hegemonia neoliberal, houve avanço da desestruturação do trabalho formal e, ao mesmo tempo, o surgimento de novas formas de inserção econômica li-

gadas à digitalização e à chamada “plataformização”.

À frente do IBGE, Pochmann afirma que teve acesso a uma base empírica ampliada, o que reforçou a análise presente na obra. Ele destaca que o foco deixa de ser apenas as classes sociais e passa a considerar “populações monitoradas por estatísticas ao longo do tempo”, além de aspectos territoriais e demográficos. Essa perspectiva, segundo ele, sustenta a tese de que o novo sujeito coletivo não é apenas sociológico, mas também estatisticamente observável na recomposição da sociedade brasileira.

Segundo o autor, esse novo sujeito é composto por uma pluralidade de segmentos, como trabalhadores de serviços e da economia de plataformas, informais, jovens com inserção instável, mulheres e populações periféricas urbanas. Trata-se, afirma, de um grupo fragmentado, descentralizado e, na maioria das vezes, sem

representação institucional estável. Apesar disso, há potencial de organização política, ainda que com características distintas das tradicionais. “São mobilizações mais episódicas, ligadas a redes e causas específicas, com grande capacidade de mobilização, mas baixa continuidade”, diz. Nesse contexto, as redes digitais exercem papel central, ao mesmo tempo em que possibilitam articulação, também ampliam a fragmentação e a desinformação. “A desinformação atua como mecanismo de disputa de consciência”, afirma.

Para Pochmann, esse novo sujeito está em disputa e pode ser capturado por diferentes narrativas, inclusive autoritárias. A ausência de identidades coletivas consolidadas e de organizações intermediárias fortes, segundo ele, torna esse grupo mais permeável a discursos simplificadores. “Ele é simultaneamente potencialmente transformador

e altamente vulnerável à captura política”, conclui. Ele destaca que esse novo sujeito coletivo está diretamente relacionado às transformações tecnológicas e ao avanço das plataformas digitais, que alteram não apenas as formas de trabalho, mas também os vínculos sociais e políticos. Segundo ele, trata-se de uma configuração marcada por inserções instáveis, baixa proteção social e novas formas de empreendedorismo de sobrevivência. Esse cenário, afirma, exige novas formas de interpretação e de formulação de políticas públicas, já que os instrumentos tradicionais de organização social e representação política mostram-se insuficientes diante dessa realidade em transformação.

Sobre Pochmann

Além de presidir o IBGE, Pochmann é ex-presidente do Ipea, professor colaborador no Instituto de Economia da Unicamp e autor premiado com o Jabuti.



José Dirceu e Marcio Pochmann durante lançamento na Livraria Candeeiro, em Campinas

José Dirceu anuncia pré-candidatura a deputado federal depois de 24 anos

Por Moara Semeghini

O ex-ministro da Casa Civil José Dirceu esteve em Campinas no sábado (21), na Livraria Candeeiro, no Cambuí, para cumprimentar o economista Marcio Pochmann, que lançava um livro no local. Em rápida conversa com a reportagem, afirmou que será pré-candidato a deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições deste ano.

Dirceu disse que a decisão de voltar a disputar um cargo eletivo tem como objetivo fortalecer a bancada do partido em São Paulo e ampliar a atuação política no estado. Segundo ele, a estratégia passa por consolidar a presença do PT no maior colégio eleitoral do país e contribuir para a articulação nacional da legenda.

O ex-ministro também destacou a importância do cenário paulista nas disputas eleitorais recentes e afirmou que o partido pretende intensificar sua atuação no estado. Para ele, além da eleição proporcional, é fundamental que a legenda esteja presente no debate sobre o governo estadual, com propostas próprias e inserção mais ativa no eleitorado.

Caso a candidatura seja confirmada nas convenções partidárias, esta será a primeira vez em mais de duas décadas que Dirceu disputará uma vaga na Câmara dos Deputados. Em 2002, ele foi eleito deputado federal por São Paulo com mais de 500 mil votos, figurando entre os mais votados do país naquele pleito.

Advogado e um dos fundadores do PT, Dirceu teve trajetória



José Dirceu em Campinas: anúncio da pré-candidatura

política marcada pela atuação no movimento estudantil nos anos 1960 e pela participação na reorganização partidária durante a redemocratização. Ao longo da carreira, ocupou cargos no Le-

gislativo e no Executivo federal, com destaque para o período em que chefiou a Casa Civil no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Nos últimos anos, mante-

ve presença no debate político, participando de articulações partidárias, eventos e discussões sobre o cenário nacional. A eventual candidatura em 2026 é vista como uma tentativa de retomar protagonismo eleitoral e contribuir com a estratégia do partido no Congresso Nacional.

A oficialização da pré-candidatura depende ainda das convenções partidárias, previstas para os próximos meses, quando os partidos definem seus nomes para a disputa e realizam o registro junto à Justiça Eleitoral.

Dirceu também destacou a importância de ampliar a atuação do partido em São Paulo, com presença mais ativa no debate público e fortalecimento da estrutura partidária em diferentes regiões do estado.